

Daciano da Costa (1930-2005)

VÍTIMA de «doença prolongada» — um eufemismo que o seu espírito crítico provavelmente não deixaria em claro — Daciano Henrique Monteiro da Costa morreu na terça-feira em Lisboa, a sua cidade. Pioneiro do «design» em Portugal, deixa um legado em alguns dos edifícios mais relevantes do país e um discurso de inconformismo e de rigor.

Formado em pintura na Escola Superior de Belas Artes (ESBAL) com 19 valores, o que lhe valeu a atribuição dos prémios Constantino Fernandes da Academia Nacional de Belas-Artes e o Prémio Escolar Ferreira Chaves, Daciano da Costa, todavia, era de opinião que a sua verdadeira formação profissional tivera lugar no ateliê do pintor e arquitecto Frederico George. Foi ao trabalhar com o «mestre» — como fazia questão de dizer —, entre os 17 e os 29 anos, que se sensibilizou para o «design».

1959 foi o ano em que se estabeleceu com ateliê próprio, em Belém, tendo como vizinhos os escultores Lagoa Henri-

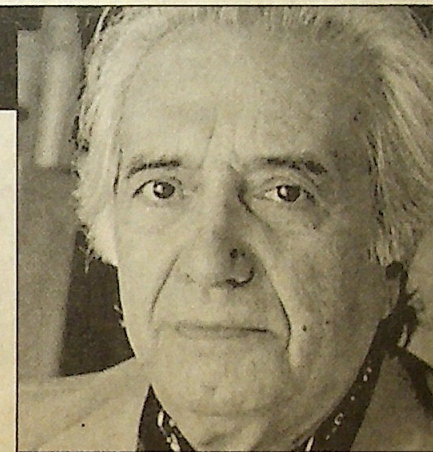
ques e António Duarte, e também o do seu casamento com Maria Teresa Cottinelli Telmo, do qual nasceram cinco filhas. No ano seguinte iniciou o seu primeiro grande projecto, o equipamento e mobiliário da Reitoria e a Aula Magna da Universidade de Lisboa. A sua carreira estava lançada: projectou na década de 60 os interiores da Biblioteca Nacional, Teatro Villaret, Casino do Estoril, Hotel Alvor, Fundação Calouste Gulbenkian, ao passo que no «design» industrial iniciou uma relação de 30 anos com a Metalúrgica da Longra, onde se produziram várias linhas de mobiliário de escritório.

Além de intervenções em vários hotéis e agências bancárias, o seu nome está associado aos interiores do Centro Cultural de Belém, do Coliseu dos Recreios e dos Paços do Concelho de Lisboa. A mais recente utilização das suas criações foi a reedição de uma linha de mobiliário na Casa da Música, uma obra que pôde ver completada, ao contrário da remodelação da Praça da Figueira, para a qual, além da

mudança da estátua equestre de D. João I, projectou forrar os edifícios em quatro padrões de azulejos azuis e brancos.

Em paralelo, Daciano da Costa desenvolveu actividade docente. Impedido pelo regime de dar aulas na ESBAL, ensinou Design Básico no próprio ateliê, de 1962 a 1964. Em 1977, ingressou por fim no Departamento de Arquitectura da ESBAL (mais tarde transformada em Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa), onde leccionou Desenho. Em 1992, desenvolveu o plano de estudos do curso de Arquitectura de Design. No ateliê como na sala de aulas, Daciano primava pela «**exigência de rigor**», pelo «**trabalho obstinado e suado**», temperado com a «**saudável ironia e humor**», como José Pedro Martins Barata o caracterizou na apresentação do livro *Design e Mal-estar*.

Entre outros gestos de reconhecimento, foi agraciado com o grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito (em 1995, era Mário Soares Presidente da República) e recebeu doutoramentos *honoris cau-*



LUIZ CARVALHO

sa (em 2003, pela Universidade de Aveiro, em 2004, pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa).

Além do catálogo *Daciano da Costa — Designer* (Fundação Calouste Gulbenkian), foram publicados os livros *Croquis de Viagem* (Lisboa 94/Livros Horizonte) e *Design e Mal-estar* (Centro Português de Design/Porto Editora), uma compilação de textos e entrevistas.

CÉSAR AVÓ

na Malveira. (...) Governar a aumentar sempre a dívida até eu o faria! Claro que fazendo alguns túneis para despistar. Não ameace que se demite. Demita-se mesmo, mesmo, mesmo!

SILVINO FIGUEIREDO, Gondomar

'Pontes' às aulas...

Segundo a sr^a ministra as aulas de substituição são importantes para não haver atrasos no ensino / aprendizagem dos alunos. Os professores mais antigos e com maior redução da carga horária têm de ficar na escola e entreter os alunos nos 'furos'. A componente não-lectiva transformou-se de modo a estes professores darem aulas extraordinárias de graça. Substituir um colega doente até é aceitável. Já o fiz. Mas há 15 dias fui chamada para substituir uma colega que meteu 'ponte'. Deste modo, os professores que vão à escola trabalhar, acabam por dar as suas aulas e as dos que estão em casa porque após o feriado lhes apeteceu mais um dia de férias (...) Onde acaba a legalidade e começa a imoralidade?

CRISTINA PERES, Lisboa

Rectificação:

Por lapso, escrevemos na última edição, no texto 'Ao ritmo de Cavaco', que o grupo de trabalho do PS incumbido de produzir projectos de lei de combate à corrupção, só foi constituído após o discurso do PR, do dia 5 de Outubro. Na verdade, o referido grupo foi constituído logo no início da sessão legislativa.

A CARTA DA SEMANA

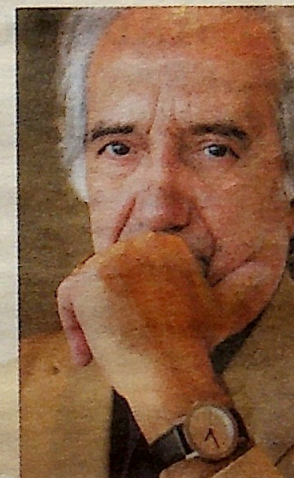
EM MEMÓRIA DE DACIANO

Sempre me ensinaram que 'os homens não se medem aos palmos' mas, nos tempos que correm, vejo que afinal as pessoas são medidas pelos 'feitos' e lembradas apenas se tiverem deixado um rasto de sucesso.

O meu pai (Daciano da Costa, falecido a 18/10/2005) deixou mais que um rasto: como «designer» deixou uma obra única; como professor um olhar crítico e uma postura ética na formação para uma profissão sempre em mudança. Muito mais que esse legado como «designer», o meu pai deixou um rasto de vida que continua a encher-nos de energia todos os dias. Falo por mim, mas também por aqueles que, como eu, conviveram com o homem para lá do «designer».

O homem que perdemos, o meu pai, o pai das minhas irmãs, o avô dos nossos filhos, o marido da nossa mãe, o nosso amigo mais íntimo, não se pode medir. Mas podemos lembrar o que nos deixou:

O olhar atento sobre a importância de 'nós' como participantes na vida dos outros; O olhar atento sobre as coisas simples e os momentos que, ainda que breves, podem transformar o trivial em excepcional; A emoção pela ob-



servação; O envolvimento crítico pelo amor; A responsabilidade pela consciência; A celebração das 'passagens' que dão razão à vida; A família e o compromisso dos rituais mais simples que a ligam e a guiam; A vontade de encontrar em cada dia um pretexto de estar vivo, vivendo da intimidade das relações que criamos com as pessoas, os lugares e os objectos que nos rodeiam.

O meu pai ensinou-nos a ser mais que uns 'palmos' e mais que uns 'feitos' na aprendizagem da vida pela liberdade.

ANA COSTA,
Lisboa

Evangelização em Novembro

UM AMIGO apanhou, há dias, um táxi. O motorista, talvez por vê-lo trajado de clérigo, abriu o jogo. Era marxista-leninista, tinha reservas em relação à Igreja. Foi-as dizendo. O meu amigo ouviu-o com gosto e disse-lhe no fim: «Alguns colegas seus pedem-me uma bênção. Também quer?» — «Não quero uma. Quero duas bênções: uma para mim e outra para o meu carro».

Às vezes podemos, sem o esperar, sentir este desejo de ter Deus por perto. Como uma espécie de saudade do afecto da mãe, que incluía tudo: a ternura e o apelo a portar-se bem. As mães são assim e temos saudades delas. Também a nostalgia de Deus faz desejar o «bálsamo» de bem que é uma bênção, mesmo a quem ande afastado.

Em Novembro, Lisboa vai ter uma «presença» diferente, a quem a cidade poderá fazer o pedido do taxista. A par-

A partir do dia 5 viverá o ICNE (Congresso Internacional para a Nova Evangelização), convocado pelo Patriarcado de Lisboa

tir do dia 5 viverá o ICNE (Congresso Internacional para a Nova Evangelização), convocado pelo Patriarcado de Lisboa. Uma presença de bem para as pessoas e coisas que tecem a vida da capital.

O evento foi longamente preparado, e tudo aponta para que aconteça com qualidade. D. José Policarpo detalhou a sua finalidade em três documentos («Missão da Cidade» em 2003, e recentemente «A Igreja na Cidade» e a mensagem às comunidades cristãs). O olhar fresco que neles traça mereceria maior eco na opinião pública.

O ICNE — acessível em www.icne-lisboa.org — multiplicar-se-á em actividades, momentos de diálogo aberto entre a Igreja e a cidade sobre as propostas válidas e optimistas da fé para os problemas dos lisboetas.

Problemas furdos, que vão além da pobreza, da desertificação, da inseguran-

MONS. JOSÉ RAFAEL ESPÍRITO SANTO*

ça, dos desequilíbrios do tecido social, da exclusão. Embora com acentuada expressão económica e social, as angústias de hoje alimentam-se da profunda «crise de civilização» diagnosticada de modo certo pela nossa Conferência Episcopal em 2001: «a defesa do exercício da liberdade, sem exigência da respectiva responsabilidade». Sobre tudo nas questões relativas à vida privada. Ora, cultivar a irresponsabilidade num aspecto da vida, compromete toda a educação para a responsabilidade. «Como queremos, então, promover a responsabilidade pessoal e colectiva, na economia, nas obrigações fiscais, na fidelidade aos deveres profissionais, na circulação rodoviária e no respeito pelos bens que são da comunidade?».

Perspicaç foi, pois, o nosso taxista em querer a bênção para o táxi. A acção benéfica era para ele — melhorando-o por dentro — mas também sobre o carro, sobre aquilo que o insere profissionalmente na cidade. Se não o levar a afinar o taxímetro, abreviar percursos, respeitar passageiros, conduzir com segurança, aliviar tensões em hora de ponta — para que servirá a bênção? Mas se o fizer, não estará a curar a «crise de civilização» onde ela nasce, nas opções íntimas?

O que foi dito do taxista poderia igualmente ser dito do lojista, da assistente de produção, do comissionista, da gerente comercial, do carteiro, da decoradora de interiores. De facto, como sugere o cardeal-patriarca, a santidade é para exprimir «na vida, na carne e no sangue das nossas opções e dos nossos ideais». A separação da fé e da vida é «a maior fragilidade da Igreja».

O ICNE incitará todos à união pessoal com Deus. Porque «a oração — assegura D. José Policarpo — pode representar uma força decisiva para a vida da cidade». Por isso propôs audazmente a todos os que puderem a participação diária na Eucaristia durante os dias do Congresso.

O ICNE são nove dias. A sua mensagem está projectada para a vida diária. Na grande «prova dos nove» da existência corrente.

*VIGÁRIO-REGIONAL DO OPUS DEI

IN MEMORIAM POR JOSÉ CUTILEIRO

Daciano Costa, 1930-2005

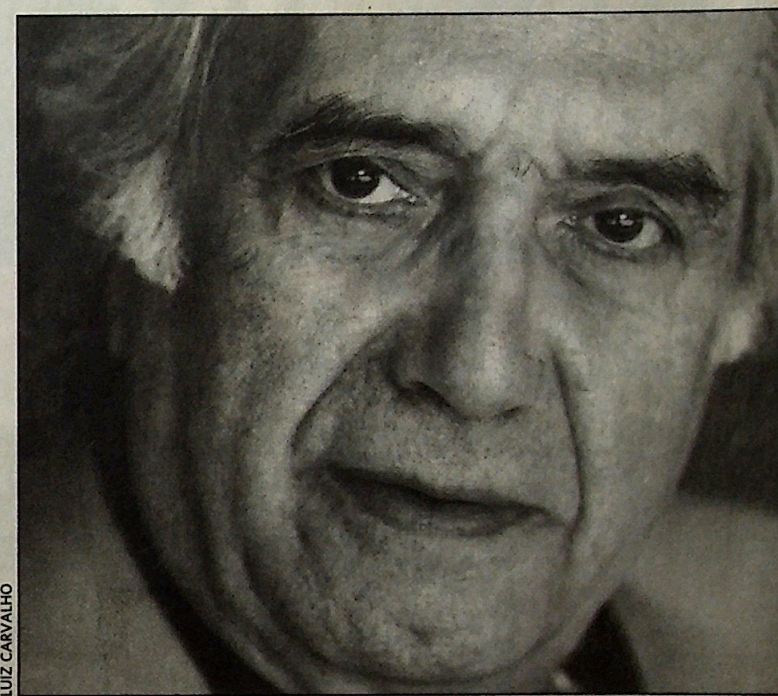
DACIANO Henrique Monteiro da Costa, que morreu no passado dia 18 em Lisboa, onde nasceu e viveu, além de pioneiro triunfante do ofício de «designer» em Portugal, era dotado de outros talentos artísticos a que não dera uso e deixou entre os amigos, e quem com ele tratou ou trabalhou, um rastro apaixonado de gosto pela vida, divertimento, curiosidade e atenção ao seu semelhante. Sempre houve pouca gente como ele e, no mundo especializado e apressado em que vivemos, menos vai havendo ainda.

A Lisboa onde cresceu e descobriu o mundo era uma cidade fechada e provinciana, oprimida pelas certezas políticas bafiantes do regime salazarista e pelos valores, crenças e hábitos de uma burguesia disposta em camadas como num bolo de bolachas, com a sua hierarquia marcada por diferenças subtis e cruéis. Tudo isto abafava, mas um rapaz generoso, irrequieto, vivíssimo de espírito e sensível às artes depressa descobriu onde ir buscar ar, encontrar antídotos para aqueles venenos. Era o que, nesse tempo, a cidade tinha de bom: a falta de liberdades deixava alguns adolescentes por escritos, quadros, músicas, aventuras, inscrevia-se nessa imaginação de outra vida possível; os males à roda seriam um dia varridos; a opressão de hoje não matava a esperança de amanhã; o dia da razão, do amor e da justiça haveria de romper. E ia-se encontrando amigos que também assim olhavam para o mundo.

Desde muito cedo, Daciano fora um leitor omnívoro — ficção, poesia, política, história (há mais de meio século emprestou-me *Le problème de l'incroyance au XVIIIème siècle — La Religion de Rabelais*, de Lucien Febvre, que não era então nem há-de ser hoje leitura corrente entre os aprendizes de «designer») — e tinha o fascínio das palavras, que usava em conversa com elaborado gosto gongórico, a sublinhar as suas preferências e antipatias. Melómano, tivera sempre também um apura-

do ouvido musical — se tivesse nascido numa família de músicos e recebido instrução formal talvez tivesse acabado instrumentista na guma orquestra. Assim ficaram só momentos privados, à sua maneira, como o da noite há muitos anos num «cabaret» na Alemanha, onde se levantou de repente e foi reger a orquestra da casa, mandando-os tocar o primeiro andamento de «Eine Kleine Nacht Musik» que, maestro improvisado, sabia de cor e os músicos surpresos também sabiam. Em música os alemães são exigentes: o público ouviu em silêncio e aplaudiu no fim. Mas o seu talento mais forte revelara-se nas artes plásticas, no desenho e na pintura, e depois de alguns anos de liceu fora estudar para a escola de artes decorativas António Arroio. Aí foi aluno de Frederico George — e cristalizou a sua vocação.

Mestre Frederico George (era assim que os discípulos o tratavam



LUÍZ CARVALHO

Com a passagem do tempo, a admiração do público, o reconhecimento dos seus pares, as honrarias oficiais, Daciano ter-se-ia transformado ele próprio num monumento

sim à mediocridade do ensino de arquitectura na ESBAL desse tempo e foi aprendendo arquitectura, urbanismo e «design» pelos métodos artesanais da prática tradicional, adubados pelas discussões teóricas «state of the art» que animavam o ateliê de Mestre Frederico. Em *El Arte del Tero*, Domingo Ortega escreveu que génio é a manifestação de uma personalidade excepcional dentro de regras que são eternas, e as regras da sua arte Daciano aprendeu-as na Travessa de André Valente.

Outro encontro teve importância capital na evolução do seu mister. O do senhor Fernando Seixas, que percebera antes de qualquer outro empresário em Portugal a importância do «design» para obtenção de bons produtos industriais. A colaboração de Daciano com ele, que durou várias décadas, deu ao mercado português o mobiliário de escritório metálico da Longra e ao «designer» experiência para várias outras aventuras.

Entretanto estabelecido por conta própria, com ateliê primeiro em Belém, num antigo pavilhão da

Exposição do Mundo Português, e mais tarde numa parte de palácio do século XVII, a Santa Catarina, Daciano foi deixando a sua marca em inúmeros lugares e objectos, da decoração interior da sede da Fundação Gulbenkian, na Avenida de Berna, feita em 1966 e remodelada há poucos anos, à intervenção na Praça da Figueira, ainda não completamente executada, para devolver a um canto mal-tratado da baixa pombalina o espírito das Luzes que norteava a sua traça inicial.

Com a passagem do tempo, a admiração do público, o reconhecimento dos seus pares, as honrarias oficiais, Daciano ter-se-ia transformado ele próprio num monumento não fora o sentido de humor que nunca perdeu e o sentimento de que os seus dons de embelezamento do mundo não eram virtudes e só valiam se ajudassem a tornar a vida dos outros menos penosa.

Foi um homem com sorte. A mulher sacrificou sem amargura uma carreira de teatro promissora para melhor se dedicar a ele, e cinco filhas magníficas fizeram jus a esse casamento feliz.